



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE  
GABINETE DO REITOR  
COMISSÃO DA VERDADE

## TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTA

**Entrevista realizada em:** 7.6.2013

**Hora:** 14h30min.

**Local:** Sala de reuniões dos Colegiados Superiores

**Entrevistados:** Ivaldo Caetano Monteiro

**Responsável pela transcrição:** Yasmênia Evelyn Monteiro de Barros (bolsista)

**Carlos Gomes:** Então vamos ouvir agora o segundo convidado, o professor Ivaldo Caetano. Então, professor, muito citado pelos colegas daquele tempo, Geniberto Campos Arruda Fialho... O senhor quer dizer alguma coisa?

**Ivaldo Caetano Monteiro:** Não, eu estou desacostumado com o microfone.

**Carlos Gomes:** Agora a mesma pergunta que fiz para ele foi como começou sua militância na política estudantil, mesmo antes de ser universitário depois como universitário e uma coisa muito interessante muitos falaram aqui, mas eu não acho ninguém melhor do que o senhor para mostrar o acontecimento do Restaurante Universitário. Então o senhor tem a palavra, fica à vontade. E receba o nosso apreço, a nossa saudação.

**Ivaldo Caetano Monteiro:** Muito obrigado. Eu nasci em Areia Branca, aqui no Rio Grande do Norte, sou filho de operário, que naquela época se chamava bagaceiro, e ainda em Areia Branca eu fui presidente do centro estudantil areia-branquense, depois vim para Natal, fazia o curso técnico, fiz o curso técnico em contabilidade porque lá em Areia Branca só era a escola de comércio de Areia Branca. Então a gente veio, então, é

assim... a minha participação na movimentação do Atheneu foi pouca, porque eu estudava na escola técnica de Comércio Acarício Freitas, lá no Bairro das Rocas. Ao entrar na universidade é que o movimento política foi, digamos assim, se expressando. Porque eu me integrei com um de colegas aqui ao PCB. Quase tudo se desaguava no PCB, os estudantes, os ativistas da época, todos do meio estudantil. Muito bem, nesse processo que o PCB que tinha Hermano, Gileno, Emanuel, todos nós, nesse embalo, eu fui eleito presidente do DCE, na época que Onofre Lopes era o reitor, como vocês sabem aqui o presidente do DCE é o único estudante que integrava no conselho universitário. E naquela época eu diria que era o auge da movimentação a nível nacional, isso se refletia também aqui no Rio Grande do Norte. Como muito provavelmente essa historia vai dizer com mais certeza a minha atuação no conselho universitário, isso fazia com que o reitor tivesse um ódio tremeto a mim. Ele chega espumava quando falava em meu nome, e para se ter uma ideia do caráter de classe dessa posição do reitor basta se dizer que Juliano Siqueira, que era um colega do PCB e do movimento também... Juliano Siqueira tinha uma atuação no nível do movimento, digamos assim, uma atuação muito mais extremista do que eu. No entanto, o reitor, várias vezes na reunião, elogiava Juliano Siqueira. Por quê? Porque Juliano era filho de Esmeraldo Siqueira, era uma pessoa, digamos assim, do nível social dele. Aí ele dizia que Juliano era um bom menino e tal etc. Juliano era muito mais extremista do que eu nos movimentos estudantis. Mas recebi os elogios dele. E bastava para falar no meu nome para ele espumava mesmo, era uma coisa terrível. Veja só, o DCE naquela época funcionava no Restaurante Universitário e nós fazíamos evidentemente as reuniões do DCE no Restaurante Universitário. Ora, eu, presidente do DCE no conselho universitário e defendendo evidentemente as posições do estudante. A posição do estudante. Isso foi fazer, vocês não queiram nem imaginar como era o clima naquela época. No Conselho Universitário.

**Almir Bueno:** Você poderia, só pedindo desculpa. Você poderia dizer o ano?

**Ivaldo Caetano Monteiro:** 67.

**Almir Bueno:** Já era depois do Golpe.

**Ivaldo Caetano Monteiro:** Exatamente. Na época do professor Onofre Lopes.

**Carlos Gomes:** Você era estudante de Direito?

**Ivaldo Caetano Monteiro:** Sim, estudante de Direito. No Conselho Universitário, alguns votos que a gente teve foram do professor Otto Guerra e do desembarcador Calos Augusto, que representava a Faculdade de Direito no Conselho Universitário. Alguns votos que os estudantes tiveram ao seu favor. Então o restante formava com o reitor um reacionarismo feroz. Feroz mesmo, era uma coisa muito séria. Vejamos, em virtude dessa situação do Conselho Universitário e o movimento estudantil aqui em Natal no Rio Grande do Norte o que eu aconteceu: as reuniões se realizavam no Restaurante Universitário. Era onde funcionava o DCE, isso não era do gosto do reitor. O reitor queria nos tirar de lá, queria nos tirar de lá. Claro, nós não iríamos aceitar, queriam nos colocar em uma casa lá que ninguém sabe onde é. De forma que a gente ficasse isolado dos estudantes, lá no Restaurante Universitário. Bom, levou ao um ponto que ele mandou fechar o Restaurante. Evidentemente que nós reagimos, reabrimos o Restaurante e viemos inclusive a pedir dinheiro, é mais um pedágio, e esse pedágio vejam que foi feito com a autorização do secretário de segurança, deve ter levado uma bronca muito grande, porque ele autorizou, claro, o ato de fechar o Restaurante Universitário foi um ato que não repercutiu bem na cidade em um todo.

**Carlos Gomes:** Era Ulisses o secretário? Se lembra?

**Ivaldo Caetano Monteiro:** Não me lembro, mas acho que era.

**Carlos Gomes:** Eu acho que era Ulisses.

**Ivaldo Caetano Monteiro:** Pois é, ele autorizou. Autorizou o pedágio. Nós fizemos, arrecadamos dinheiro, arrecadamos comida. É certo que durante o dia até que vamos, desocupamos na marra, né, porque entraram com uma ação e então a justiça autorizou que nós saíssemos, evidentemente. Vejam, essas lutas espiam sem dúvida nenhuma como um reflexo também da posição nacional que ocorria aqui no Rio Grande do Norte, estava acontecendo no Brasil inteiro. Houve locais que de maneira, digamos assim, mais expressivos, se quiser falar do ponto de vista que em outros cantos quebrou ônibus, girou, aqui não teve isso, ninguém derrubou ônibus, ninguém praticou atos de violência.

Não fizemos nada disso, aqui a nossa luta era evidentemente quem dirigia, se pertencia aos partidos clandestinos, evidentemente que tinha o fim político e nós queríamos o fim da Ditadura. Naquela época, digamos assim, que era o auge. Se a gente comparasse da época do professor Aldo foi diferente. Já me perguntaram: “qual era o projeto de vocês naquela época?”. Nós não temos um projeto, na época do professor Aldo tinha, mas era antes da ditadura, então tinha um projeto, nós não. Nós, digamos assim, fomos um reflexo do crescimento da movimentação do nível nacional e aqui também. Então nós queríamos o fim da ditadura. Os meios é que, digamos assim, são discutíveis hoje, imagine aquela época. Imagine naquela época como. Bom, na verdade é que no dia 24 de dezembro de 1968 eu morava na casa dos estudantes, a outra coisa, a Casa do Estudante se tomou, digamos assim, uma espécie, segundo o pessoal que mandava um foco de subversão. Segundo eles. Vejam só, o Reginaldo José Rocha, estudante de engenharia, foi eleito presidente da casa do estudante e eu fui o secretário geral. Em seguida, nós elegemos Emanuel Bezerra para o presidente da casa e eu fui eleito presidente do DCE, ou seja, nós temos realmente certo domínio de culpa [risos]. Então vejamos, eu morava na Casa do Estudante. Em 24 de dezembro de 68, mais ou menos por volta de 10 horas da manhã eu estava na biblioteca, eu estava folheando, olhando um livro, e eu ouvi uma voz chamando Ivaldo Caetano Monteiro, aí eu me virei assim, olhei, tinha um senhor mais escuro do que eu com um papelzinho na mão, aí eu fui, me aproximei dele e disse pronto sou eu. Aí ele disse você está preso, ei uma mão branca por traz dele, pegou no meu braço me puxou. E na frente da casa do estudante faz sinal e com a mão direita, com que sai da casa dos estudantes e já tinha um fusca. Aí eu fui colocado dentro do fusca. E eu ficava pensando para onde eu vou? [risos].

**Almir Bueno:** Ivaldo, à paisana?

**Ivaldo Caetano Monteiro:** À paisana, claro. Não tinha ninguém fardado. Mas eram tenentes, eram dois, Tenente Getúlio. A mão branca que pegou no meu braço era um Sargento, cujo nome eu não me lembro. Mas eu tenho uma passagem, inclusive para contar a respeito desse Sargento. Pois bem, o fusca veio me levar para o 16 RI. Quando a gente chegou no 16RI, quem entra no 16RI? Vocês sabem que à direita tem um salão bem grande mesmo. Aí eu fui jogado lá dentro, quando eu entro já estavam Jaime Ariston e Marinho. Já tinham sido presos de madrugada. Aí quando eu ia cumprimentá-los: “não pode falar um com o outro, não pode falar um com o outro”. Aí eu só os

cumprimentei, eles só com a cabeça. Bom, eu fiquei nessa sala até mais ou menos meio-dia. Meio-dia eu e Jaime Ariston fomos tirados dessa sala e fomos colocados em umas celinhas que ficam lá no fim, no fim do 16RI, tem umas seis celas, elas são de 1 metro de largura por menos de 2 de comprimento.

**Carlos Gomes:** Eram as antigas baias.

**Ivaldo Caetano Monteiro:** É, né? Pois essas celinhas de...

**Carlos Gomes:** Eu servi lá um pouco antes. Ficava perto do Vaguinho, nesse tempo tinha baia perto do ranjo.

**Ivaldo Caetano Monteiro:** Então essas celinhas de 1 metro de largura por menos de 2 de comprimento, eu e Jaime Ariston ficamos 6 meses nessas celinhas. Não podia falar um com o outro, não podia falar uma com o outro. Eram seis soldados na guarda e um Sargento, 24 horas ali. Se falasse um com o outro vinha a ordem: não pode falar. Então se você precisava fazer necessidade fisiológica então abriam a celinha e a pessoa ia. Tinha um aspirante que na época eu estava preso... tinha dois aspirantes lá. Era um chamado de Geraldo, esse cara era um louco, doente. Já era um doente naquela época deve estar pior [risos]. Muito bem, e tinha outro que era o Lima Verde. O Lima era mais de conversar e tudo. Vejam só, nós comíamos no ranjo dos soldados, a comida do ranjo dos soldados. O soldado come porque faz muito exercício mas nem porco consegue comer aquilo. Era...

**Carlos Gomes:** No meu tempo não serviam nem garfo nem faca você tinha que se virar.

**Ivaldo Caetano Monteiro:** Então vejamos, no dia que o Geraldo era oficial de dia, essa comida gostosíssima era servida 15h ou 16h. Você olhava assim nem aquetava nem ver aquele troço. Era uma coisa terrível, precisava ir para no banheiro, ir ao sanitário, aí ele chegava, mandava ir, ficava uns 6 soldados com um fuzil apontando, o Sargento com uma metralhadora e ele com uma pistola. Para esse gigante sair de calção e ir urinar ou fazer outra coisa. Era uma coisa terrível, esse Geraldo era tão louco que teve um dia que depois de um certo tempo a gente podia receber visita, parece que era uma vez ou duas na semana. Então deve um dia que era o dia da visita, a visita ficava lá e ele

demorava 3 a 4 horas para poder chamar. E outra coisa, parava toda a guarda e juntava mais gente. Teve um dia que ele chegou e disse: “a guarda esta dispensada”, aí eu pensei: “o rapaz ficou bom”. Dispensou a guarda, saiu eu e Jaime Ariston e ele atrás. Aí rapaz, em um determinado momento eu ouvi aquele trec, trec. Assim como tivesse armando, sabe? Aí ele armou e disse: “corram comunistas safados que eu quero atirar nas penas de vocês, corram!”. Aí, puta merda, a bondade do cara era essa aí, era para aumentar o terror. Aí veio de longe daquela prisãozinha até lá na frente.

**Carlos Gomes:** Tinha um campinho de futebol não sei se ainda tem.

**Ivaldo Caetano Monteiro:** Pois bem, aí quando nós chegamos lá a minha namorada estava lá, ela ficou assim de frente e eu... Sabe o que ele fez? Pegou uma cadeira, colocou no meio entre mim e minha namorada. É um maluco, é de uma pessoa que não tem juízo, o mais reacionário que seja já ultrapassou, é loucura mesmo. Aí eu pedi para voltar, o que eu ia fazer ali? O cara colocou a cabeça no meio entre mim e minha namorada. Eu quero voltar, voltou. Faça o seguinte, a minha namorada foi ao General Duque Estrada, que era o General-Comandante, ele a recebeu e disse: “você venha daqui a dois dias, pois vou procurar saber sobre isso”. Dois dias depois, ela foi lá: “já procurei saber e nada o que você disse é verdade”. O General Duque Estrada, segundo eu fui informado, conversou com todos que estavam presos menos comigo e com Jaime Ariston. Parece que eles achavam que a gente era muito perigoso. Não que ele não conversou conosco. Mas ficamos seis meses lá, nós fomos uma ou duas vezes para o Recife, para audiência e para o julgamento lá. E íamos algemados em cima de um caminhão. Lá nós fomos para um Quartel do Exército onde diz que o Gregório foi preso lá também. Então a gente ficava ali, não cabia nem a gente, os pés ficavam de fora, era terrível. E nós fomos, veja só, todos nós estávamos convencidos que seríamos absolvidos. Saímos de lá condenados. Agora, outra coisa, veja só como havia certa seletividade. Só foram condenados os estudantes que faziam Ciências Sociais. Direito, Engenharia, Serviço Social, todos outros foram absolvidos... mesmo eles tendo uma participação maior, para eles os perigosos era esse pessoal que estuda a sociedade...

**Almir Bueno:** Professor...

**Carlos Gomes:** Quem defendeu vocês?

**Ivaldo Caetano Monteiro:** Aqui? Foi o Varela Barca e lá no Recife foi a doutora Nésia. Pois bem, nós saímos de lá condenados todos a um ano e o Jaime Ariston a um ano e quatro meses, porque Jaime Ariston era funcionário público, então para funcionário era agravante, por isso ele pegou mais quatro meses, eu também era, eu era professor do Instituto Padre Miguelinho, só que professor para eles não era funcionário público. Mas tem um fato engraçado a respeito desse negócio do professor. Quando nós estamos presos, eu e Jaime Ariston, poucos dias chegou o irmão Emanuel, o irmão marista que eu não conhecia, só conheci na cadeia, o irmão Marista. Gente fina, falava francês muito bem. Certo dia, o Irmão marista disse: “Ivaldo, eu estou comendo do cassino do Sargento”. Aí eu disse: “É mesmo? Rapaz, vá e responda ali também”, porque o Soldado era uma beleza. Aí eu disse: “tá certo”. Chamei o Sargento: “olha, eu quero uma audiência com o Coronel de lá”. Eles eram rápidos, quando você fazia um pedido eles atendiam com 15 dias, aí um dia: “veste sua roupa, troca de roupa, porque você vai falar com o Comandante”, na verdade o Subcomandante, pois o comandante não estava. Aí eu fui levado e fui colocado naquela cadeira da cela grande, onde de início eu chequei, onde estavam o Jaime Ariston e o Marinho. Aí me colocaram na cela e fiquei ali tentando... mas ouvi assim, dizendo: “o que é que você quer?”. Eu olhei, era um quadrado que você não conseguia ver. Eu só sei que o cara foi embora. “O que é que você quer?”. Aí eu fui e disse:

– Olha, é o seguinte, é que eu estou comendo no ranjo dos soldados, mas eu vou fazer o último ano de Direito e eu gostaria de...

Aí ele disse:

– O senhor disse que vai fazer o último ano de Direito?

– Isso, é.

– E se o senhor já tivesse terminado o curso de Direito o senhor ia comer no cassino com o Sargento. Como o senhor não terminou o senhor vai continuar comendo do ranjo dos soldados.

Putá merda. É dar uma recuada e começar de novo.

– Mas, olha, o irmão Emanuel está comendo no cassino do Sargento.

Aí ele responde:

– É, mas ele é professor.

Aí eu disse:

– Eu também sou.

Aí ele ficou assim...

– Vou estudar seu caso.

Está estudando até hoje. Mas era desse jeito, os caras eram rígidos, esse Sargento que pegou no meu braço, que era o Tenente Getúlio, deu ordem de prisão. Quando nós fomos à tarde transferidos para as celinhas ele esteve lá. E ficou conversando comigo, com Jaime... Dizia assim, ele era um cara bem aperfeiçoado era um Gaúcho: “Olha, você me vê risonho, mas eu arranco um”, começou a dizer quem ele certamente faria. E o preso político, o cara está dizendo que vai matá-lo. Pois bem, esse cara que disse que arrancava uma e fazia tudo foi Sargento de guarda durante seis meses que nós ficamos lá. Ele foi Sargento de guarda duas vezes e nessas duas vezes ele mandou abrir a cela minha e do Jaime Ariston e arranhou uma bola de futebol. Ali entre as celas e o ranjo nos ficamos eu e Jaime Ariston jogando bola um pra o outro. Tem umas coisas engraçadas, o cara que arrancava unhas mas foi o único que abriu a cela e deu uma bola para gente jogar. Mas tem o outro lado, quando nós fomos condenados, nós fomos transferidos para a detenção. A detenção, quem vai hoje ali no Centro de Turismo é uma maravilha. Na época, estava caindo tudo, aí eu houve uma pressão social muito grande para que não ficássemos lá. E nós fomos colocados, eu e Emanuel fomos pra uma delegacia nas Rocas, o Gileno foi para o Alecrim, Jaime Ariston e Sezildo, que depois da condenação se apresentou, ficaram na delegacia da Ribeira. Pois bem, quando nós chegamos à delegacia nas Rocas estavam lá Machado, Luiz Gonzaga e um camponês cujo nome eu não me lembro.

**Carlos Gomes:** Qual Luiz Gonzaga?

**Ivaldo Caetano Monteiro:** Que trabalhava nos Correios.

**Carlos Gomes:** de Souza? Que era professor também? Ou dos Santos? Que foi vice-prefeito? Então é o Luiz Gonzaga de Souza.

**Ivaldo Caetano Monteiro:** É o que era dos Correios. Porque eles tinham sido presos naquele período de 64 e foram soltos e quatro anos depois foram condenados e presos. Concluindo, eles estavam lá na delegacia, ele, Luiz Gonzaga, o camponês e o Machado.

**José Antônio Spinelli:** O camponês?

**Ivaldo Caetano Monteiro:** Machado.

**Carlos Gomes:** O professor Machado de Direito.

**Ivaldo Caetano Monteiro:** Que foi juiz.

**Carlos Gomes:** Altamente diabético.

**José Antônio Spinelli:** José Fernando Machado. Agora eu pergunto, e o camponês? Ele é José da Cruz, José Rodriguez? Um desses?

**Ivaldo Caetano Monteiro:** Não. Aliás, outro fato que ocorreu em relação a Gileno Guanabara, ficou no Alecrim, Gileno conta que às vezes não podia dormir com os soldados o torturando e batendo em presos. Lá na delegacia das Rocas que eu e Emanuel ficamos encontramos Machado.

[Inaudível]

**Ivaldo Caetano Monteiro:** O delegado era o Coronel Ninja, com uma cabeça branquinha, não tinha um cabelo branco. Nós fomos para lá, à tarde ele foi para lá. Aí ele veio e falou: “meninos, eu tenho a consciência que tipo de preso vocês estão. Vocês estão presos, amanhã são presidente da república”. [risos]. Ele disse isso. Ah, outra coisa também que ele disse: “aqui nessa delegacia preso não apanha”. E o Machado e os outros confirmaram. Depois fomos transferidos para o quartel de polícia e ficamos lá até que com recurso para o STN houve a redução da pena. Outra coisa, lá nós não tivemos dúvida de que seríamos absolvidos. O Jaime Ariston, que tinha uma certa influência, nós avisou: “não vai haver absolvição não, o que pode acontecer é uma diminuição da

pena, mas absolvição de jeito nenhum”. Aí houve uma redução da pena de 1 ano para 6 meses, nós já tínhamos tirado 11 meses, faltava poucos dias para 1 ano. Pois bem, esses caras eram terríveis. Quando eu fui solto, eu fui para Areia Branca. Eu disse: “eu sou de Areia Branca”. E estava na minha casa, em alguns dias depois, meu irmão, que estudava aqui também, ele morava também na Casa do Estudante, chegou às presas: “rapaz, vamos esconder Ivaldo porque prenderam Gileno e Emanuel de novo”. Rapaz, me levaram pro Porto do Carão, onde ele nasceu, era só mato. Aí fiquei lá durante um mês e minha namorada sondando aqui em Natal para ver como estavam as coisas. Depois de um mês fui para casa e quando eu estava em casa a mãe de um colega meu que estudava no Rio de Janeiro... ele era meu conterrâneo, nós fizemos o ginásio comercial juntos lá em Areia Branca, ele fazia Direito no Rio de Janeiro. Lá era o seguinte, o quinto ano de Direito era uma espécie de “você não tinha muitas realizações de ir às aulas, então você poderia estagiar em qualquer lugar do Brasil”. Só fazer as provas do começo do ano e do final do ano. Pois bem, ele me mandou a carta dentro da carta da mãe dele. Que dizia o seguinte, que ele tinha um colega de classe que era do Alto Paraguaia, porque era de Mato Grosso, ele era meu conterrâneo e o outro de lá do Paraguaia morava lá, tinha ido receber um seguro de um avião, e saíram os três para almoçar ou jantar e meu conterrâneo contou a minha história e ele disse: “olha não vão deixar o seu conterrâneo terminar o curso não, eles vão ficar no negócio de prende, solta, prende, solta e pode fazer pior ainda”. Esse cara era advogado, tinha sido Sargento que tinha sido preso naquele levante em Brasília. Se lembra do levante do Sargento em Brasília? Ele era um deles que tinha sido preso. Ele disse não vamos deixar que seu amigo deixe de terminar o curso. Diga para ele: “vim para Cuiabá”. Aí ele disse isso na carta que mandou para mãe dele. Ai quando recebi, eu vou, com essa história, mal tinha saído tinham prendido Gileno de novo, com relação a Emanuel, não era verdade, ele tinha caído na clandestinidade. Mais com relação a Gileno era verdade. E tinham o colocado naquela celinha que a gente ficou 6 meses. O Gileno ficou lá por 95 dias, não sabe por que foi preso o soltaram também. Nessas circunstâncias eu disse: “eu vou”, vim aqui para Natal, eu ia fazer, eu tinha terminado de fazer o quarto ano antes de ser preso e em 69 eles não deixaram que a gente frequentasse a aula e nem fazer prova nem nada, ou seja, perdi o quinto ano. Que eu era para ter terminado em 69, mais não terminei.

**José Antônio Spinelli:** Só para esclarecer, quem foi quem não deixou vocês e mais alguns de não frequentarem a aula? Foi a reitoria da Universidade?

**Ivaldo Caetano Monteiro:** Não, não. Foi o inquérito policial, como os militares também, não foi a reitoria não.

**Carlos Gomes:** Isso foi...

**Ivaldo Caetano Monteiro:** 69.

**Carlos Gomes:** Você perdeu um ano?

**Ivaldo Caetano Monteiro:** Eu perdi o ano de 69. A partir de 24 de dezembro de 68. Eu tinha terminado o quarto ano de Direito e a fazer o quinto ano. Não pude fazer. Não deixaram frequentar, quando digo “eles” não foi a Universidade, eu acho que até pelos professores nós teríamos feito.

**Almir Bueno:** Você terminou em 70?

**Ivaldo Caetano Monteiro:** Eu terminei em 70, mas em Cuiabá. Mas aí...

**José Antônio Spinelli:** Ivaldo, você poderia esclarecer mais ainda, você tentou frequentar a Universidade, eles proibiram o espaço onde você não podia frequentar? Eles ameaçaram?

**Ivaldo Caetano Monteiro:** Claro, os meus advogados recorreram, o processo está lá.

**José Antônio Spinelli:** Mesmo você estando livre?

**Ivaldo Caetano Monteiro:** Como?

**José Antônio Spinelli:** Mesmo com você estando a essa altura livre?

**Ivaldo Caetano Monteiro:** Nós não estávamos livres não, estávamos presos. La no 16RI. Eu e Jaime Ariston.

**José Antônio Spinelli:** Aí tentaram frequentar e eles não permitiram.

**Ivaldo Caetano Monteiro:** Não permitiram, aí solicitou para fazer prova.

**José Antônio Spinelli:** Também não permitiram.

**Ivaldo Caetano Monteiro:** É, né, está entendendo...

**Carlos Gomes:** Então você entrou na Universidade em 65 ou 64?

**Ivaldo Caetano Monteiro:** Deve ter sido nessa data, foi em 65.

**Almir Bueno:** Se eu não me engano, teve depoimento aqui. Eu posso estar errado, mas que solicitaram para fazer exames na prisão e conseguiram.

**Carlos Gomes:** Mas foi nos últimos anos. Ele não terminou aqui. Tem alguns detalhes que alguns professores da Universidade iam até à cadeia fazer prova com os alunos. Concluindo, não foi o seu caso, pois você terminou em outro lugar.

**Ivaldo Caetano Monteiro:** É, exatamente.

**José Antônio Spinelli:** Só para fechar e ir embora. É preciso saber...

**Carlos Gomes:** Doutor Otto ainda era o diretor.

**Ivaldo Caetano Monteiro:** sim, era.

**José Antônio Spinelli:** Se esse episódio que permitiram que os professores fossem à cadeia, se isso ocorreu antes ou depois do AI5. Porque depois do AI5 houve um endurecimento maior. Então o caso dele é depois do AI5. AI5 é dezembro de 68, é quando ele foi preso.

**Ivaldo Caetano Monteiro:** Exatamente, o AI5 é de dezembro, e nós vamos no dia 24 de dezembro, logo depois do AI5.

**José Antônio Spinelli:** É interessante, você esclarece. E eu acho que provavelmente foi antes. Porque com AI5 há um endurecimento muito grande.

[Inaudível]

**Ivaldo Caetano Monteiro:** Nós perdemos o ano.

[Inaudível]

**Carlos Gomes:** O jubilamento era de 6 a 7 anos.

**Ivaldo Caetano Monteiro:** Era uma situação alimana não havia nesta preocupação.

[Inaudível]

**Ivaldo Caetano Monteiro:** Sabia por que os professores propuseram em um inquérito e tudo. Veja só, eu era presidente do DCE, eu fazia parte do Conselho Universitário, onde estavam dois representantes, o doutor Otto Guerra e o desembarcador Carlos Augusto, então naquela época arranhado não tinha essa de não sabia, todo mundo sabia.

**Carlos Gomes:** Os professores naquele tempo permitiam que requeresse muito. Eu nunca fui preso, sempre disse aqui, que não fui militante. Mas fazia greve por solidariedade e depois ia advogar perante a congregação de professores para a gente fazer prova. E eles aceitavam. A gente sempre fazia prova. Eu concluí em 68, eu me lembro. Agora há um detalhe interessante aqui, no dia que houve o ato institucional número cinco, você estava presidindo uma reunião no Restaurante Universitário. O que houve quando houve o anúncio, porque eu soube que aí em diante uma divisão, alguns foram para luta armada, outros permaneceram.

**Ivaldo Caetano Monteiro:** Claro, veja só. Inicialmente todos eram do PCB, depois começaram as divisões, eu mesmo deixei de lado o PCB e fui para o PCR, eu, Emanuel, Jaime Ariston, Emanuzinho. Emanuzinho é meu conterrâneo. Mais veja bem, um dos objetivos do PCR era você acelerar a luta na normalidade para poder cair na

clandestinidade. E eu fui contra de eu cair na clandestinidade desde o início. Tanto assim que costumo dizer que o PCR, aqui era uma espécie de general, e por causa da minha dissidência com razões de não cair na clandestinidade eu fui rebaixado a cabo ou coisa menos ainda. Tiraram-me fitas, estrela e outras coisas. E eu continuei com essa posição dentro da cadeia. Nós estávamos presos no quartel de polícia e veio a ordem para que nós fugíssemos dali. O pessoal do PCR.

**Carlos Gomes:** Gileno?

**Ivaldo Caetano Monteiro:** Não, Gileno era do PCB e continuou no PCB. Para que nós fugíssemos, e eu fui contra, e fiz uma carta argumentando porque não se deveria fugir. Depois de alguns dias veio a informações de que a minha carta era muito bonita do ponto de vista jurídico mais politicamente não tinha nem uma importância. Eu achei muito engraçado porque quem deve ter lido essa carta deve não entender muito de Direito. E um estudante de Direito não deveria ter feito uma carta jurídica muito bonita e o politicamente horrível como era nem foi aceito. Se dou uma opinião que não tinha nem uma importância porque quem estava falando era uma carta bonita juridicamente e não entendia nada de Direito. E eu nem era capaz de fazer algo bonito juridicamente. Desceram o cacete na posição política, mas foi adotada. Quer dizer, não tinha importância política, mas foi adotada. Até que logo em seguida houve a redução da pena e nós fomos liberados. Que já tínhamos cumprido 11 meses, então, como é, assim eu fiquei sem crédito. Que quando eu fui para Mato Grosso eu dizia: “se me prenderem de novo eu foi dizer: ‘olha aí, gente quando é que vocês vão me dar de cadeia? Eu tenho crédito de 5 meses e alguns dias e aplica juros e correção monetária que a gente vê como é que fica’”. Pois é, você veja a minha situação quando fui para Mato Grosso, eu não podia nem abrir o bico. Eu não podia dizer nada. Eu ia militando na advocacia e tinha um colega que a gente sabia lá em Mato Grosso que tinha sido preso em 64. E lá, como no resto do Brasil, os juízes massacravam os advogados, e eu achava aquilo terrível. “Olha, nós precisamos nos organizar”. Um dia, esse rapaz que tinha sido preso em 64, eu entrei no correio que tinha umas caixas...

**Carlos Gomes:** Sim, caixa postal...

**Ivaldo Caetano Monteiro:** Eu tinha uma, ele tinha também e aproveitei o momento que nós íamos para os Correios e disse: “Lantero, rapaz, os juízes massacram os advogados aqui e a gente não vê a Ordem fazer nada em relação a isso. Nós precisamos nos organizar, vamos formar uma chapa”, aí ele olhou pra mim muito calmo... vocês vão me desculpar a expressão, mais foi a que ele usou: “Ivaldo que quero que os advogados se fodam”. Rapaz eu procurei chão para me enterrar, eu achava que iria contar com a solidariedade dele...